



O conflito Rússia – Ucrânia sobre a ótica da Armadilha de Tucídides e da geopolítica russa no território eurasiático

The Russia – Ukraine conflict from the perspective of the Thucydides Trap and Russian geopolitics in the Eurasian territory

Everton Santos Lima¹

Plínio Matheus Paiva Beserra²

Ana Lúcia da Silva³

RESUMO

O atual conflito entre Rússia e Ucrânia movimentando não apenas os atores geopolíticos da Eurásia, mas também simboliza um enfrentamento que envolve EUA, OTAN, Rússia, China e diversos outros *players* da geopolítica global. Com o auxílio da leitura de conjuntura do zeitgeist geopolítico pós-URSS iremos cotejar a teoria da Armadilha de Tucídides como forma de enxergar a tendência de conflitualidade que abarca a região eurasiática e discutir se tal caminho é evitável. A revitalização das teorias de poder terrestre, em especial de Halford J. Mackinder, simbolizam uma posição ideológica e geopolítica russa e, é sobre essa posição, que se configura essa guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica; Ucrânia; OTAN; Rússia.

ABSTRACT

The current conflict between Russia and Ukraine moves not only Eurasian geopolitical actors, but also symbolizes a confrontation involving the USA, NATO, Russia, China and several other players in global geopolitics. With the help of reading the conjuncture of the post-USSR geopolitical zeitgeist, we will compare the theory of the Thucydides Trap as a way of seeing the tendency of conflict that encompasses the Eurasian region and discuss whether such a path is avoidable. The revitalization of theories of land power, especially those of Halford J. Mackinder, symbolize a Russian ideological and geopolitical position, and it is on this position that this war takes shape.

KEYWORDS: Geopolitics; Ukraine; NATO; Russia.

¹ Mestrando em Geografia Política, planejamento e recursos naturais – USP (FFLCH). E-mail: evertons.lima@usp.br.

² Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: pmatheus@gmail.com.

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (PPGEO-UFU). Professora de Geografia pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás. Membro do Fórum Goiano de EJA. E-mail: analuciadasilva38@hotmail.com.

Introdução

Uma mescla conceitual é necessária para a apreciação conceitual/teórica do presente trabalho. Pela atual dinâmica comportamental do conflito existente no terreno do Leste europeu, entre Ucrânia e Rússia, é necessário averiguar alguns comportamentos e tendências históricas e dialéticas desse enfrentamento. Através da análise de material relativo ao tema e das posições e movimentações, de ambos envolvidos principais, buscamos discutir se tal conflito se faz como um enfrentamento proveniente da Armadilha de Tucídides. A assimilação geopolítica da Rússia, balizada sobre a ideologia duguinista, traz consigo o resgate das teorias de poder terrestre de Spykman e Mackinder, discutidas mais à frente do presente trabalho, e, conseqüentemente, um posicionamento que assimila o expansionismo territorial, como da anexação da Crimeia, como um movimento legítimo. É dessa amálgama de temas e conceitos que buscamos crivar se a armadilha está postada e se pode, ou não, ser evitada, como ocorreu em apenas outros quatro momentos da história recente.

Primeiramente, é necessário consolidar os contextos políticos e geopolíticos das assimilações e decisões que ocorrem em território ucraniano no século XXI, ao mesmo tempo, é necessário fazer um cotejamento de análise da guinada política russa pós-choque neoliberal. A partir desses pressupostos traçaremos uma visão dessa disputa sobre a ótica de Graham T. Allison, em sua teoria da Armadilha de Tucídides, onde a compreensão de um poder hegemônico e outro ascendente se configura no choque entre Estados Unidos da América (EUA) e Rússia e seus possíveis aliados, tendo a compreensão de um bloco multipolar composto por Rússia, China e, potencialmente, o Irã (ALLISON, 2020).

Em segundo lugar, postulamos algumas observações sobre a atual validade das teorias do poder terrestre no desenho dos conflitos globais existentes. As maiores fontes dessas leituras provêm das obras de Spykman (1938; 1944) e Mackinder (1904; 1943). A ideia é que a materialização do confronto nessa territorialidade não é mera casualidade espacial, ela possui uma tendência de expansão e outra de manutenção de poder de influência.

De parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) essa expansão é a chegada dos interesses do grupo às fronteiras da Rússia, coisa alcançada em abril de 2023, com a entrada da Finlândia no bloco (BLINKEN, 2023). Já do lado russo

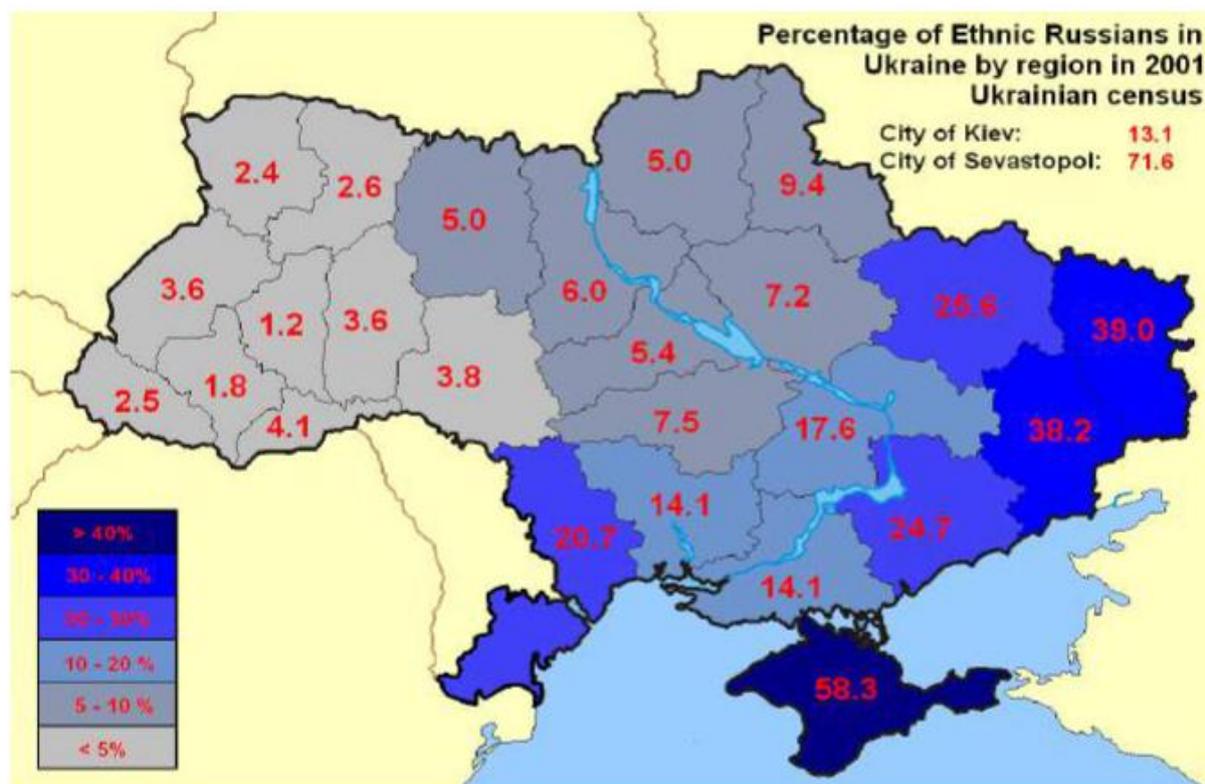
existiria um duplo movimento: o primeiro de manutenção da influência cultural e, no caso ucraniano em especial, nacionalista; e o segundo, de caráter mais econômico e ideológico.

A primeira esfera tem muito a ver com a noção de pertencimento que boa parte da população ucraniana possui de se enxergar como, ou até mesmo ser (Figura 1), russo. O lado oriental do país, de maioria étnica russa, possui um grande sentimento retrotópico acerca da herança soviética, onde a qualidade de vida era melhor, coisa corroborada por estudos como os de Chakravorty et al. (2020). Dentre os principais motivos elencados pelos residentes dessas áreas, temos que muitos deles estão alocados no caráter e estabilidade social e econômica dos trabalhadores e isso se reflete no índice subjetivo da felicidade:

Clearly, a greater number of respondents suggest that they were happier in the Soviet period. Stability, certainty of life, guarantee of livelihood, confidence in the ability to live a better life in future for themselves and their children, were put by these respondents as the causes of their happiness (CHAKRAVORTY, 2020, p. 13).

A segunda esfera está associada ao choque neoliberal ocorrido na Rússia após a queda do bloco soviético e na assimilação do duginismo no governo Putin. A Rússia capitalista erigiu uma classe burguesa que se formou durante as privatizações dos ativos nacionais durante a década de 1990 (HARVEY, 2005) e essa classe é muito bem representada pela liderança que se aglutinou em Vladimir Putin — que assimila a noção de Alexandr Dugin de formação do que ele chama de eurasianismo — uma proto-ideologia que se configura pela sobreposição da cultura sobre os outros fatores de formação nacional (Dugin, 2012), ou seja, ele ativa a retrotopia dos residentes etnicamente russos e dos mais velhos nas áreas que outrora pertenceram à União Soviética (URSS).

Figura 1: Porcentagem de residentes etnicamente russos na Ucrânia



Fonte: Aparecido e Aguilar, 2022.

A contextualização ucraniana

A Ucrânia, governada ao início do atual conflito por Volodymyr Zelensky, tem em seu líder a representação de um fenômeno eleitoral muito específico. O país passa por uma instabilidade política e também econômica, além de tensões sociais, que tem suas origens atuais nos movimentos de Revoluções Coloridas que atingiram o país e outros vizinhos (KORYBKO, 2018).

A Revolução Laranja, ocorrida em 2004, se inicia com um país rachado entre um alinhamento pró-Rússia ou a aceitação da inclusão no bloco europeu, inclusão essa que não era ainda do adentramento na União Europeia, mas a assimilação cultural e econômica que possibilitasse essa aceitação. Durante o governo de Leonid Kuchma (1994 – 2005) permitiu-se que grupos opositoristas se organizassem e crescessem nas brechas que o presidente deixava em suas negociações com o ocidente (FREIRE, 2006).

Esses grupos se consolidaram no corpo político e foram de grande importância na criação e inflamação dos movimentos de contestação das eleições de 2004. O pleito

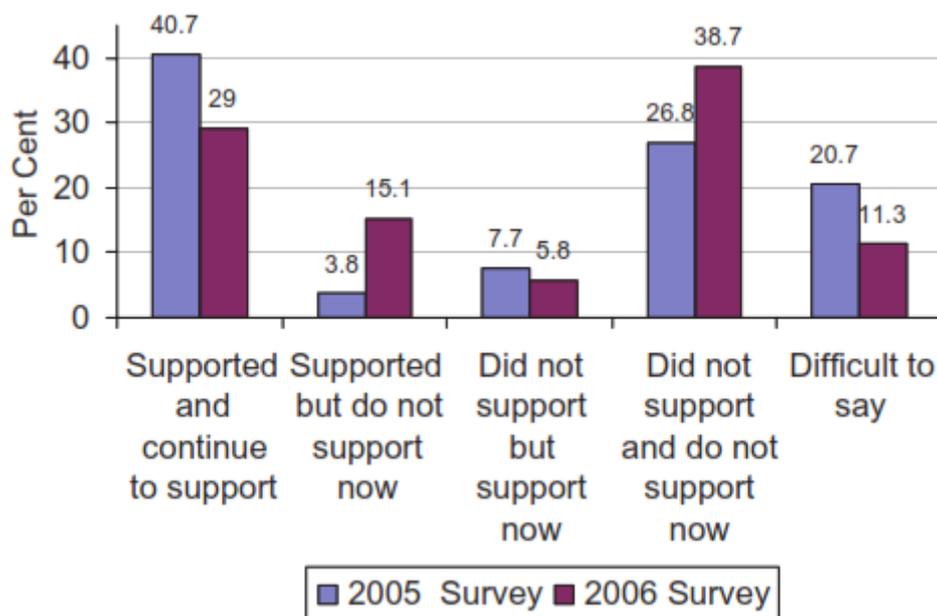
foi travado entre Viktor Yushchenko, candidato pelo *Blok Nasha Ukayina-Narodna Samooborona* (Our Ukraine-People's Self Defense Bloc), que defendia uma ocidentalização do país e uma aproximação da União Europeia e Viktor Ianukovitch, candidato pelo partido das regiões, que pregava uma manutenção e equilíbrio das relações geopolíticas entre União Europeia e Rússia, com a Rússia como condutor e frenador desses polos de poder.

Porém, em 2005, acontece o evento que coloca o país no caos que persiste e deixa pústulas até os dias atuais: a Revolução Laranja. A vitória de Ianukovitch acendeu a revolta entre os partidários de Yushchenko, que rapidamente ocuparam as ruas de Kiev e, posteriormente, de outras cidades do país. Concomitante a isso o apoio dos EUA foi rapidamente ancorado ao movimento e as manifestações eram financiadas e ideologizadas por uma política pública de massas com entretenimento, acomodação, comida e certo auxílio financeiro aos participantes (LANE, 2008).

O envolvimento dos EUA no movimento faz com que críticos da atuação à época dos yankees, como Garton Ash (2004) duvidem já precocemente das intenções desse suporte. Porém, o que é indiscutível é que esse momento histórico do país demarca uma cisão política da Ucrânia, que é o fim de uma sociedade híbrido-soviética (STEPANENKO, 2005).

A desconfiança é também ancorada em apontamentos, como o de Lane (2008) acerca do nível de apoio popular a essas manifestações. O autor identifica que, em momento algum do levante, ele chegou a ser apoiado por uma maioria absoluta da população (Figura 2).

Figura 2: Nível popular de apoio da Revolução Laranja na Ucrânia



Fonte: Lane, 2008, p. 7.

O ápice do apoio foi de 40,7%, ou seja, apenas pouco mais de 1/3 do povo ucraniano aprovou esse movimento de contestação eleitoral e, em um ano, esse suporte caiu para abaixo do 1/3. A questão é que a pressão interna, e externa, acerca das eleições foi vitoriosa e Yushchenko foi alçado à presidência do país, porém não sem acender debates sobre a separação ou divisão do território nacional.

Em 2010, a política interna da Ucrânia sofre uma mudança de direção. Viktor Ianukovitch vence as eleições presidenciais com 49% dos votos e um forte apoio de Vladimir Putin. A eleição, como a porcentagem deixa claro, foi acirrada e a posição que o vencedor se colocou foi complicada, ele tentou manter os ganhos provenientes da aproximação de Yushchenko à União Europeia, mas deixando claro que sua prioridade de aliança seria a Rússia.

Essa guinada pró-Rússia desembocou nos eventos do Euromaidan, entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, que foram resultados de dois fatores primordiais: a recusa à assinatura de um tratado de livre-comércio entre União Europeia e Ucrânia e a prisão de Iúlia Timochenko, ex-primeira-ministra durante o governo Yushchenko. De forma mais concisa a lista de fatores seriam:

A rejeição de um acordo de livre-comércio com a União Europeia e a reaproximação com a Rússia promovidas por Yanukovich; as tentativas de mudar a Constituição em seu favor; as inúmeras denúncias comprovadas de corrupção em seu governo; as evidências de violações dos direitos humanos; e, não menos importante, o destacado abuso de poder presidencial e o uso excessivo das forças policiais, principalmente a tropa de choque (GONTIJO, 2020, p.

Toda a ocorrência dos protestos do Euromaidan tivera uma clivagem propagandista muito potente no Ocidente, como em outros movimentos da leva das Revoluções Coloridas e de movimentações posteriores, como em Hong-Kong, 2019. O documentário da Netflix, *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, lançado em 2015 construiu uma narrativa heroica e orgânica acerca do levante e acabou omitindo alguns fatores preexistentes em 2005, como o apoio quase que instantâneo dos EUA, e novos, como os grupos neonazistas que serão fundamentais para entender um dos motivos do confronto atual (OLIVEIRA, 2022).

Entretanto, é inegável que o modo de ação de Ianukovich é criticável, o presidente usou da força militar para a contenção das manifestações, em especial o movimento central na capital, Kiev. Na segunda metade de fevereiro a truculência policial se intensificou e, junto a ela, a escalada de violência geral. Na noite de 19 de fevereiro foram registradas 26 mortes. Com isso uma tentativa de trégua foi firmada, porém, por apenas 6 horas e, na noite seguinte, mais 21 mortos e uma escalada de tensões (BONET, 2014).

Um contramovimento também se ergueu. Grupos pró-Rússia, em especial no Donbass e na Crimeia, se levantaram. Na região do Donbass surge o movimento de independência de seus dois territórios, a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk (Figura 3). Ao mesmo tempo que isso ocorria o processo de destituição de Ianukovich do cargo presidencial e sua posterior fuga para a Rússia também acontecia e, com os adventos do Euromaidan, foi votado o referendo de anexação da Crimeia pela Rússia, feito pelo parlamento crimeano, onde 96,8% do eleitorado, composto por 1,2 milhão de eleitores, optou pela anexação (G1, 2014).

O território da Crimeia representa um grande valor geopolítico para a Rússia, em especial o controle do porto de Sebastopol, único porto de águas quentes completamente controlado pelos russos e que permite acesso ao Mar Negro, dando entrada ao Mar Mediterrâneo. A anexação para Putin representava a manutenção do controle do porto e que o novo governo ascendente, provavelmente mais alinhado ao

Ocidente, não revogaria o tratado que permitia a circulação da frota russa pelo porto até 2042.

Figura 3: Regiões do Donbass (Donetsk + Lugansk) e Crimeia



Fonte: Furian, 2023.

O cenário de 2014 se estabelece e “estabiliza” nesse desenho geopolítico, porém as tensões e o desenrolar interno se dão e nisso surge um movimento *sui generis*, que é altamente alimentado pelo crescimento da *Alt-right* global. O modelo parlamentar que disputou o país entre 2005 e 2014 foi substituído e suplantado pelo crescimento de um fenômeno eleitoral. Saem os apoiadores de Ianukovich e Timochenko e surge o atual presidente, Volodymyr Zelensky.

A *Alt-right* pode ser entendida como um movimento alavancado por conspiracionistas e teóricos da conspiração que possuem sua representação máxima nos apoiadores de Donald Trump nos EUA, em especial no grupo conhecido como Q-anon. Porém, em suas especificidades, esse movimento também tem um grande apreço pelo movimento anti-establishment e por modelos de dominância baseadas na força grupo (FORSCHER E KTEILY, 2019; UZER, 2022).

O partido de Zelensky, que é um ex-comediante, leva o mesmo nome de sua série de televisão que ficou conhecida no país. E sua cavalgada à vitória foi apoiada por dois fatores principais durante todo esse processo pós-Maidan: o crescimento do revisionismo histórico ucraniano; e a tolerância com os neonazistas. Figuras como Stepan Bandera foram resgatadas e passaram a ser idolatradas dentro do imaginário popular e grupos, já no atual confronto, como o Batalhão de Azov, que idolatram a figura de Bandera e ostentam simbologia e comportamento neonazista, se tornaram heróis nacionais (FRANCE PRESS, 2022).

Em resumo, a ascensão de Zelensky é um fenômeno político ancorado num movimento que tem pouco apreço pela política institucional e pelos ritos da mesma, essa tática travestida de modernidade fez com que ele ancorasse um grande número de eleitores, em especial no uso das redes sociais, em especial o Twitter. Inclusive seu modelo de crescimento eleitoral pode ser comparado ao de Donald Trump e Jair Bolsonaro nesse populismo digital (Loureiro, 2022; Santos et al., 2020). Ao chegar ao comando do país ele reviveu os choques com a Rússia e reviveu certas tensões adormecidas acerca da questão Crimeia e, posteriormente, negligenciou as acusações acerca do levante neonazista em seu país, que foi utilizado como prerrogativa de ação para a invasão russa. Zelensky também argumentava que a independência de Donetsk e Lugansk eram vontades russas e não bandeiras legítimas.

A contextualização russa:

A Rússia se reestrutura como nação capitalista após a queda do mundo soviético. Harvey (2005) descreve o processo de criação e ascensão de uma classe capitalista fortemente ligada ao processo de privatizações que surgiu das entranhas do aparato do Estado soviético. Essa classe política possuía, conseqüentemente, suas vontades e objetivos e, com a queda de capacidade de concorrência econômica, se

necessitava de uma liderança forte e propositiva. Assim, chega ao poder Vladimir Vladimirovitch Putin, em maio de 2000.

Existia uma interpretação conflitante acerca da posição russa após o colapso da URSS. O surgimento dos 15 Estados independentes, para alguns, demarcava a impossibilidade da Rússia manter seus valores e, concomitantemente, se ocidentalizar ainda sobre o governo de Boris Iéltsin. Do outro lado, uma leitura mais realista, enxergava que a zona de influência russa poderia ser estabelecida através da imposição militar de forma a competir com os EUA (KULIKE E AGUILAR, 2014).

Os analistas realistas da Rússia enxergavam a potencial aliança com China, Irã e Índia e, no campo ideológico-militar, existia a compreensão dos expansionistas revolucionários, que resgatavam as teorias de poder de Mackinder, Haushofer e Mahan. Putin surge nesse caldeirão e assim que chega ao governo troca o modelo colaboracionista de Iéltsin pela consolidação do país como potência regional que se utilizou fortemente da retrotopia para intervir e eleger aliados nos antigos redutos soviéticos (IBIDEM, 2014).

Dentro das várias leituras possíveis, nos temas acerca da Eurásia e das relações com a Europa Ocidental, existem duas formas mais contundentes de enxergar o papel russo na geopolítica eurásiana: a escola ocidental e a escola eurásiana. A escola ocidental, tendo como teórico central Dmitri Trenin, defende que a Rússia deve abdicar dos valores históricos e se aproximar dos ideais europeus, ao mesmo tempo que se enxerga os países islâmicos como rivais e potenciais inimigos. A escola eurásiana, por sua vez, defende o resgate do modelo de "heartland" de Mackinder e, assim sendo, de que a Rússia deve exercer o papel de líder eurásiano e que devido a seus recursos e posição geográfica isso seria fundamental. Com o reestabelecimento da leitura de poder terrestre proposta com Mackinder, mais a frente destrinchada, a Rússia se situaria numa posição geográfica central a esse espaçamento de território, possuindo assim, uma necessidade de exercer liderança sobre os países vizinhos. Putin é afeito ao segundo modelo (Ibidem, 2014).

A ideia de Dugin não é meramente militar ou geopolítica, ele também faz um modelo analítico da conjuntura que muito se assemelha ao conteúdo da teoria disposta por Huntington (2011), em *Clash of Civilizations and the remaking of world order* (2011). A noção de que existiriam polos baseados no modelo civilizacional, encabeçado

pelas historicidades culturais, é tida como base ao modelo ideológico duguinista. Para o ideólogo a Rússia deveria assumir não apenas o baluarte de liderança como potência regional da Eurásia, mas também como alavanca para sobrepor os valores culturais e religiosos de seu povo. Nisso se coloca a valorização da Igreja Ortodoxa, a criminalização da homossexualidade, a desmobilização de grupos que defendam valores ocidentais etc.

Embora leituras comparativas entre “gurus” ideológicos sejam comuns, é necessário pontuar que Dugin é completamente diferente de outros ideólogos da *Alt-right*. A única semelhança entre os três é a parte de serem fontes de doutrina ideológica que seus líderes e aliados consomem, porém, diferente de Steve Bannon e Olavo de Carvalho, nos casos dos EUA e Brasil, Dugin é um teórico com bases acadêmicas e que auxilia a leitura conjuntural de um governo consolidado. Ele se aproxima mais de bases de consolidação de política externa como o próprio Huntington e nomes como Brzezinski e Kissinger que dos surgidos na onda da *Alt-right* descrita em Teitelbaum (2020).

A anexação da Crimeia, assim como o apoio às independências de Donetsk e Lugansk não são apenas um respaldo histórico e étnico às populações russofonas em território ucraniano, significam também ganhos geopolíticos russos. A substituição de um potencial rival, em caso de entrada da Ucrânia na OTAN, é trocada pela proximidade direta de dois aliados e o acesso às áreas marítimas que são chave para a presença russa em águas com acesso direto à Europa. As teorias de Mackinder, Spykman e Mahan se configuram nesse aspecto. O expansionismo russo o coloca em posição de igualdade no cercamento da Europa como alvo em potencial.

A Armadilha de Tucídides como forma de enxergar o conflito:

Graham T. Allison enxergou nos acontecimentos da Guerra do Peloponeso (431 a.C. - 404 a.C.) uma grande tendência histórica dos conflitos. O fulgor que caminhava para o choque entre Atenas e Esparta foi pressentido desde o fim das Guerras Médicas (492 a.C. - 449 a.C.), mas não pode ser evitado. Quando transportado para o cenário recente da história Allison (2020) descreve dezesseis momentos onde esse estado de conjuntura se fez presente, sendo que, em apenas quatro deles o conflito foi evitado (Quadro 1).

O conceito, objetivamente falando, é a configuração da ideia de que o estabelecimento de um poder hegemônico instaura, invariavelmente, uma disputa com uma ou mais forças ascendentes. Quando o império britânico saiu de sua aurora ou quando a Espanha viu seu poder colonial ser insuficiente para manter o controle e dominância da Europa, já estavam estruturadas a ascensão dos EUA e suas estruturas e instituições internacionais que colocariam a imposição da nova ordem mundial e, no caso espanhol, já estavam em terreno europeu os Habsburgos em suas tratativas de expansão de domínio através dos casamentos.

Quando Esparta era tida como líder orgânico do mundo helênico e viu Atenas comandar as principais forças das Guerras Médicas e levantar das cinzas como um centro comercial e de trânsito eles já previam a necessidade de um movimento de imposição, ou seriam arrasados pelo crescimento do rival. Para Allison, isso é uma estrutura intrínseca da política e das disputas geopolíticas no globo.

Os eventos onde o confronto foi evitado possuem suas próprias especificidades e são diversos os fatores que precisam se alinhar para que a guerra não ocorra. No caso entre Portugal e Espanha, no fim do século XV, a ascensão espanhola fez com que fosse mais vantajoso a posição de que os países se associassem do que se se digladiassem.

No caso entre Reino Unido e EUA, o Reino Unido passava por uma forte desestruturação e caos interno provindo da Primeira Guerra Mundial, onde o mesmo foi ator e palco da guerra e, ao seu fim, o país não era mais a maior economia do mundo, sendo suplantada pela máquina industrial norte-americana.

No caso entre URSS e EUA existiu uma tensão estabelecida, a Guerra Fria, onde o medo de aniquilação mútua fez com que ambos abdicassem do confronto direto e tivessem seu embate numa série de conflitos indiretos e guerras por procuração.

Por fim, no caso entre Reino Unido e França contra a Alemanha os alemães temiam uma repressão da opinião pública internacional devido a seu passado recente e, por conta disso, tomou uma posição de controle dos ânimos e evitou o escalonamento das tensões.

Quadro 1: Momentos de Armadilha de Tucídides nos últimos 500 anos

Período	Potência dominante	Potência em ascensão	Domínio	Resultado
Fim do séc. XV	Portugal	Espanha	Império e comércio mundial	Sem Guerra
Primeira metade do século XVI	França	Habsburgos	Potência terrestre e na Europa Ocidental	Guerra
Séculos XVI e XVII	Habsburgos	Império Otomano	Potência terrestre e na Eurásia + Mediterrâneo	Guerra
Primeira metade do século XVII	Habsburgos	Suécia	Potência terrestre e marítima na Europa	Guerra
Meados do século XVII	Províncias Unidas dos Países Baixos	Inglaterra	Império mundial e marítimo no norte da Europa	Guerra
Fim do século XVII aos meados do século XVIII	França	GBR ¹⁰	Império mundial e potência terrestre europeia	Guerra
Fim do século XVIII e início do século XIX	U.K. ¹¹	França	Potência terrestre e marítima europeia	Guerra
Meados do século XIX	França e U.K.	Rússia	Império mundial e influência na Ásia + Mediterrâneo	Guerra
Fim do século XIX e início do século XX	França	Alemanha	Potência terrestre e marítima na Europa	Guerra
Início do século XX	China e Rússia	Japão	Potência terrestre e marítima no Leste Asiático	Guerra
Início do século XX	U.K.	EUA	Domínio econômico e supremacia naval do Ocidente	Sem Guerra
Início do século XX	U.K. + França e Rússia	Alemanha	Potência terrestre e marítima global	Guerra
Meados de século XX	URSS, França e U.K.	Alemanha	Potência terrestre e marítima na Europa	Guerra
Meados de século XX	EUA	Japão	Potência marítima e influência no Pacífico	Guerra
Década de 1940 – 80	EUA	URSS	Potência mundial	Sem Guerra
Década de 1990 –	U.K. e França	Alemanha	Influência política	Sem Guerra

Fonte: Allison, 2020, p. 65. Modificado pelo autor.

Embora existam leituras, na própria obra de Allison, que corroborem para a ideia de que o atual estado da Armadilha esteja sendo posto num confronto entre EUA e China é possível que a fagulha se encontre na disputa entre o avanço da OTAN e a manutenção da zona de influência russa.

O choque atual entre Ucrânia e Rússia obriga que os atores da geopolítica global se movam. De um lado os EUA, a OTAN e a União Europeia se movimentaram rapidamente para injetar fundos e treinar tropas ucranianas para que pudessem gerar capacidade de enfrentamento aos russos, enquanto, do outro lado, a Rússia, com uma capacidade militar muito superior à da Ucrânia e com seu equipamento militar renovado durante o governo Medvedev (2008 – 2012).

A Rússia renovou seu armamento, reformou a estrutura militar e desenvolveu sua indústria militar aumentando a capacidade tecnológica (Kulike e Aguilar, 2014). Por sua vez, a posição do principal aliado político russo foi diferente do esperado. A China, ao começo do conflito tentou assumir sua posição histórica de neutralidade e não-intervenção, porém, os resquícios potenciais do confronto respingam no país pelas ações norte-americanas e da OTAN, o que fez com que, aos primeiros sinais de possibilidade, a China se animasse com a ideia da costura da paz (RACHMAN, 2023; GREGORY, 2023).

As teorias de poder terrestre resgatadas:

Já está contido nesse texto a concepção de que Alexandr Dugin, teórico político do governo Putin, possui certa afinidade com a ideia de tornar o país o líder eurasiático, muito disso por forte influência da estrutura de pensamento geopolítico de Mackinder (1904; 1943). Mas exatamente qual concepção seria essa?

Mackinder traz uma ótica da disposição física do território global e substitui a noção comum de seis continentes e quatro mares. Ele propõe uma planificação total e, com isso, conceitua a proposta de um grande continente central, a Ilha Mundo, cercado por um único oceano, o *Great Ocean* (Figura 4). As porções periféricas de terra são chamadas pelo autor de "Ilhas do Exterior" (TOSTA, 1984).

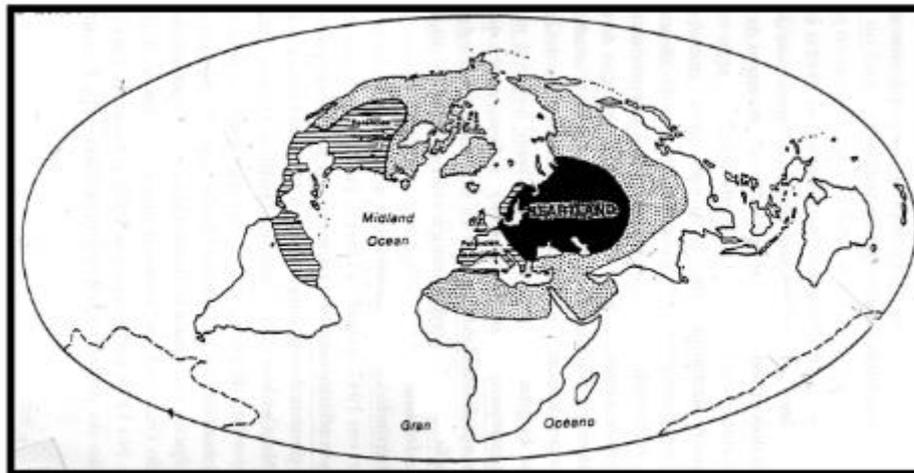
Figura 4 – A visão geopolítica de Mackinder (1904)



Fonte: Mackinder, 1904, p. 436.

Próximo ao fim da Segunda Guerra Mundial ele revisita sua obra e faz algumas mudanças de ordem organizacional. O autor substitui o modelo de representação plana pelo globo cilíndrico e adiciona o conceito do *Midland Ocean* (NEVES, 2017). Com essa atribuição fica claro a operacionalidade de alguns movimentos da guerra, como a *Operação Overlord* (Batalha da Normandia), onde os Aliados iniciaram a contraofensiva pelas praias da Normandia. Em ambos os trabalhos Mackinder torna essa visualização da operação mais nítida e demonstra que a disposição da distribuição terrestre pode ser projetada e (re)vista de forma onde se enxerguem melhores brechas e movimentações para o ataque ou para manutenção de determinadas posições (Figura 5).

Figura 5 – Teoria de Mackinder revisitada



Fonte: Neves apud Chaliand et al., 2017, p. 22.

Por sua vez, Nicholas J. Spykman desenvolve, ancorado na teoria de Mackinder, sua própria visão. O geógrafo neerlandês-estadunidense defendia que o cercamento da região do *heartland* através de um anel continental circundante, o qual ele denominou de *rimland*, se traduziria numa melhoria da teoria mackinderiana. Spykman era um tenaz defensor do intervencionismo estadunidense na Europa e Ásia. Ele temia pela segurança dos EUA, sobretudo em relação à Eurásia, observando o avanço das táticas tridimensionais de guerra em suas formas terrestres, navais e aéreas. Em 1944, na obra “*Geography of the Peace*” surge a ideia de que os EUA deveriam intervir nas disputas externas, indo na contramão da linha isolacionista dos estrategistas militares americanos.

Diferente desses, Spykman defendia uma intervenção realista no que viria a ser a teoria do *rimland* (Neves, 2017). Ele é um defensor da ideia de que a Geografia “*is the most fundamental conditioning factor in formulating national policy because it is the most permanent.*” (SPYKMAN, 1938, p. 29).

A colocação de um domínio do *heartland* por uma Rússia, associada a países pertencentes ao *rimland*, como China ou Índia, representava uma preocupação da política externa norte-americana já nos anos 1940. O que significaria então uma vitória militar que expandisse o território e a influência russa no *heartland* com uma aliança forte com a China? A imposição da dúvida a hegemonia dos EUA. Essa leitura é corroborada pelo seguinte trecho:

the rimland essentially includes China, India and continental Europe, a contemporary all-rimland union or empire would seem a Power of most considerable dimension. But given that the rimland excludes the Americas, Britain, Japan and Russia, such a rimland Power would possess a much larger share of world population than of world production, not to mention forces-in-being (WILKINSON, 1985. p. 108).

A questão concernente ao trecho acima é de que o eixo da produção se deslocou para a China e a presença da Rússia no coração do *heartland* é uma potencial configuração que pode vir a desafiar diretamente o poder hegemônico dos EUA e, conseqüentemente, nisto está posta a Armadilha de Tucídides.

O atual estado de guerra é apoiado pelos aliados russos pois acreditam que a leitura de Dugin é concernente à materialidade da realidade geopolítica. A expansão territorial na Crimeia, que dá acesso aos mares do sul da Europa, e a troca de um opositor por dois aliados, no Donbass, significa esse objetivismo da leitura da teoria do poder terrestre de Mackinder e, posteriormente, de Spykman. Toda a movimentação russa é baseada na leitura do *zeitgeist* dos antigos redutores soviéticos, para Putin e seus ideólogos as destabilizações ocorridas durante as Revoluções Coloridas, em especial a Revolução Laranja, na Ucrânia, só podem ser travadas com essa imposição direta sobre o território e o poder desses locais. Utilizar-se da cultura, da retrotopia, da relação étnica, da economia etc., são as formas contidas de chacoalhar o tabuleiro geopolítico eurasiático a seu favor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as disposições apresentadas ao longo do texto é possível supor que o envolvimento contundente da Rússia no atual conflito com a Ucrânia possa ser visto como um movimento de defesa de sua influência histórica sobre o território. O modelo adotado pelo duginismo, forte fator ideológico do governo Putin, é de uma expansão dos valores civilizacionais russos às regiões próximas, ao mesmo tempo em que ocorre uma negação dos modelos ocidentais de visão de mundo.

Concomitantemente a isso, a anexação do território da Crimeia e a troca de um potencial rival de tensão crescente por dois aliados próximos e de força de influência acentuada é interessante aos desejos políticos da Rússia. A presença no Mar Negro e,

consequentemente, no Mar Mediterrâneo significa uma expansão da capacidade de embate militar do país e a desestruturação da região Leste da Ucrânia significa um fortalecimento da posição de liderança regional da Eurásia.

As disposições e ocorrências da atual Guerra da Ucrânia estão sendo desenroladas desde os movimentos da Revolução Laranja e todo o caos de eventos são frutos desse processo, que foi uma tendência dos primeiros anos do século XXI nos antigos redutos soviéticos, porém, diferente de alguns outros países que passaram pelas Revoluções Coloridas o território ucraniano acabou por se configurar como o palco de uma tensão crescente entre EUA/OTAN e Rússia e seus aliados, coisa essa que ocorre no mesmo território tomado pela leitura das teorias de poder terrestre de Mackinder e Spykman.

Objetivamente falando, o conflito Rússia - Ucrânia pode ser configurado como um pré-âmbito de uma Armadilha de Tucídides. Assim como a disposição da armadilha entre EUA e Reino Unido, no começo do século XX, foi precedida por diversos fatores e conflitos menores, o verdadeiro enfrentamento está em uma escala superior. A configuração do confronto entre os dois países do antigo bloco soviético demonstra os posicionamentos da geopolítica de dois eixos diferentes: a política externa norte-americana e a ideologia retrotópica e conservadora-culturalista russa.

Se o atual confronto se direcionará a troca de hegemon ou, até mesmo, a uma desestabilização dos EUA é fato incerto e o presente trabalho é incapaz de dar tal certeza, mas as pistas demonstram uma crescente que pode resultar na instauração de um estado de Armadilha de Tucídides entre Rússia e seus aliados contra os EUA, União Europeia e suas instituições e a guerra da Ucrânia é a ante-sala dessa decisão.

REFERÊNCIAS

ALLISON, G. **A caminho da guerra**: Os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides? Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

APARECIDO, J. M., AGUILAR, S. L. C. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Observatório de conflitos internacionais**. V. 9, n. 1, 2022.

BLINKEN, A. J. Finland 's accession to NATO. Press statement: **U. S. Department of State**, 2023. Disponível em: <https://www.state.gov/finlands-accession-to-nato/#:~:text=On%20this%20historic%20day%20as,with%20Finland%20as%20its%20Ally.>

BONET, P. 26 muertos y cientos de heridos en choques entre policía y opositores en Kiev. **El País**, Simferópol, p. 1 – 6, 19 fev. 2014. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2014/02/19/actualidad/1392793567_196395.html. Acesso em: 7 maio 2023.

CHAKRAVORTY, N. N. T.; RUTSKIY, V. N.; SEVASTYANOVA, E. P. Comparative analysis of russian citizens' well being before and after the collapse of Soviet Union. **American economic association international conference**, 2020.

DUGIN, A. **The fourth political theory**. London: Arktos, 2012.

FORSCHER, P. S.; KTEILY, N. S. A psychological profile of the Alt-right. **Perspectives on Psychological Science**, v. 14, n. 1, 2020.

FREIRE, M. R. A Revolução Laranja na Ucrânia: uma democracia a consolidar. **Relações Internacionais**, v. 12, p. 49-64, Dez, 2006.

FRENCH PRESS. Azov Regiment takes centre stage in Ukraine propaganda war. **French Press 24**, Paris, p. 1 – 4, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.france24.com/en/live-news/20220325-azov-regiment-takes-centre-stage-in-ukraine-propaganda-war>. Acesso em: 8 maio 2023.

FURIAN, P. H. **Donbass and Crimea, political map**. Crimea peninsula on the coast of Black Sea, and Donbass region, formed by Donetsk and Luhansk region. Disputed areas between Ukraine and Russia. Illustration, 2023. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/donbass-and-crimea-political-map-crimea-peninsula-on-the-coast-of-black-sea-and-donbass-region-formed-by-donetsk-and-luhansk-region-disputed-areas-between-ukraine-and-russia-illustration-vector/429460158>. Acesso em: 07 maio 2023.

G1. Resultado final aponta 96,8% dos crimeios a favor da união à Rússia. **G1 Mundo**, [S. l.], p. 1 – 15, 17 mar. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/resultado-final-aponta-97-dos-crimeios-favor-da-uniao-russia.html>. Acesso em: 8 maio 2023.

GARTON ASH, T. Bitter lemons: Six questions to the critics of Ukraine 's orange revolution. **The Guardian**, p. 1 – 2 dez. 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2004/dec/02/ukraine.comment>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GONTIJO, F. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da liminaridade. **Revista de antropologia**, v. 63, n. 3, 2020.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Simon & Schuster, 2011.

JAMES, G. Plano da China pode encerrar guerra, mas Ucrânia e Ocidente não estão prontos para paz, diz Putin. **BBC News Brasil**, [S. l.], p. 1 – 7, 22 mar. 2023.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nq3ewxvq6o>. Acesso em: 8 maio 2023.

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão popular, 2018.

KULIKE, M.; AGUILAR, S. L. C. Rússia e política de influência. **Série conflitos internacionais**. n. 1, 2014.

LANE, D. The Orange Revolution: ‘People’s Revolution’ or Revolutionary coup? **Political Studies Association**, v. 10, n. 4, 2008.

LOUREIRO, L. C. A internacionalização do populismo na guerra da Ucrânia: Volodymyr Zelensky e o uso do Twitter. **XI Congresso Latinoamericano de Ciencia Política (ALACIP)**, 2022. Disponível em: <https://alacip.org/?todasponencias=a-internacionalizacao-do-populismo-na-guerra-da-ucrania-volodymyr-zelensky-e-o-uso-do-twitter>. Acesso em: 16 maio 2023.

MACKINDER, H. J. The geographical pivot of history. **The Geographical Journal**, v. 23, ed. 4, p. 298-321, April, 1904. _____, Halford John. The Round World and the Winning of the Peace. **Foreign Affairs**, v. 21, ed. 4, p. 595-605, Jul, 1943.

NEVES, A. EUA & Política de Segurança no século XXI: A dialética Mackinder e Spykman revisitados. **41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS – GT 12: Estudos sobre os EUA**, 2017.

OLIVEIRA, M. Winter on fire: o documentário da Netflix sobre a Ucrânia que você não deve assistir. **Tudo GEO**, p. 1 – 10, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://www.tudogeo.com.br/2022/03/23/winter-on-fire-o-documentario-da-netflix-sobre-a-ucrania-que-voce-nao-deve-assistir/>. Acesso em: 07 maio 2023.

SPYKMAN, N. J. Geography and Foreign Policy, I. **American Political Science Review**, v.32, ed.01, p. 28–50, 1938.

_____. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt Brace & Co, 1944.

RACHMAN, G. China could play a crucial role in ending the war in Ukraine. **Financial Times**, [S. l.], p. 1 – 6, 1 maio 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/5c9b6e15-afce-4747-8ad1-ff9aa24b6dc3>. Acesso em: 8 maio 2023.

SANTOS, R. M.; CIOCCARI, D.; MORAES, T. P. B. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. **Mediapolis**, n. 10, 2020.

STEPANENKO, V. How Ukrainians View Their Orange Revolution: Public Opinion and the National Peculiarities of Citizenry Political Activities. **Demokratizatsiya: The Journal of Post-Soviet Democratization**, p. 595 – 616, Out, 2005.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TOSTA, O. Teorias Geopolíticas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

UZER, J. V. Tradição e conspiração: A Alt-right e o pensamento conspiratório em defesa da nação nos Estados Unidos. **Conjuntura Global**, v. 11, n. 1, 2022.

WILKINSON, D. Spykman and Geopolitics. In: ZOPPO, Ciro; ZORGBIBE, Charles. **On Geopolitics: Classical and Nuclear**. Basileia: Springer, cap. 3, p. 77 – 129, 1985.

